

“Frozen e a clínica do descongelamento”¹

Michele Melo Reghelin²

“... isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é, ainda vai nos levar além.”

(Leminski)

RESUMO

O filme *Frozen, uma aventura congelante*, teve seu roteiro congelado por cerca de 74 anos, só saindo do papel em 2011. Por encantar ao cantar a dor, o filme trata da jornada do crescimento em que, por vezes, o sujeito demora em se (re)encontrar. Desse modo, descongelar o que estava gélido, petrificado, é a saída para qualquer um de nós, pois é o encontro com o nosso verdadeiro eu que fascina. E se é no brincar que o adulto pode ser criativo, por meio dessa história busco ilustrar um tema intrigante e assustador: o falso *self*. Parafraseando o filme, convido-o: vamos brincar na neve?

PALAVRAS CHAVE

Falso Self, Verdadeiro, Brincar, Descongelar.

RESUME

Frozen, a chilling adventure, wich is script for about 74 years only leaving the paper in 2011. Delight to sing the pain, the film deals with the growth journey that sometimes the subject delay in (re) meet. Thus, what was thaw frozen, petrified is output to any one of us, it is the encounter with our true self that fascinates. And if it's in play that the adult can be creative (Winnicott, 1975a), I seek through this story illustrate an intriguing and scary theme: the self False. To paraphrase the movie, invite, let's play in the snow?

KEYWORDS

False Self, True, Playing Thaw.

REVISÃO TEÓRICA

O tão aclamado filme *Frozen, uma aventura congelante*, teve seu roteiro “guardado” (congelado?) por cerca de 74 anos, sob a versão de Rainhas das Neves, *Snow Queen*. Ficou “oculto” porque os roteiristas não sabiam como o público poderia se relacionar com os personagens não tão verdadeiros. Vale dizer que, durante esse tempo, houve várias tentativas

¹ REGHELIN, M.M. (2016). Frozen e a clínica do descongelamento. Porto Alegre: Rabisco revista de Psicanálise, 6(1), p.25-31.

² Psicóloga. Especialista em Teorias e Psicoterapias da Infância, Adolescência e Adultos. Mestre em Psicologia Clínica. michelereghelin@gmail.com

frustradas de dar vida a esse filme, que só saiu do papel quando o autor percebeu que era preciso encontrar um final diferente daquele tradicional em que o príncipe beija a princesa e, portanto, descobriu o que poderia ser um ato de amor verdadeiro e a chave para um final feliz. Foi em 2011 que a história ganhou novas páginas e acabou estreando em 2013, sendo sucesso de bilheteria e ganhando o Oscar de melhor animação. Ademais, esse filme, que encanta ao cantar a dor, foi premiado com a melhor canção original: *Let it go*, em meus pensamentos *Let it be...*

Como outros contos, o filme também aborda a trajetória do crescimento, com suas inconstâncias e inseguranças peculiares, mas com um desfecho feliz. Assim como na vida, em que, por vezes, o sujeito demora em se (re) encontrar, arrisco dizer que um dos aspectos que torna brilhante essa trama é o fato de poder fazer que essa neve seja apenas uma estação do ano, não menos importante, mas somente parte da passagem do tempo, sendo, portanto, única. Desse modo, descongelar o que estava gélido, petrificado, é a saída para qualquer um de nós. É o encontro com o nosso verdadeiro eu que fascina; afinal, “*é uma alegria estar escondido, mas um desastre não ser achado*” (Winnicott, 1963/1983).

A neve consiste na precipitação de flocos formados por cristais de gelo, que, conforme as condições de temperatura e pressão a que se são submetidos, podem adquirir as mais variadas formas: floco, grão, granizo, chuva congelada, entre outros. Dependendo da quantidade acumulada, pode se tornar pedra, nevasca, ou até mesmo ser um boneco de neve, como o brinquedo inanimado *Olaf*, que sonhava experimentar o verão e gostava de abraços quentinhos. Entretanto, a neve também pode ter uma função protetiva, como ocorre no caso da agricultura, em que o gelo é um bom isolante térmico e nada pode contra as sementes (Khalil Gibran).

Partindo dessa metáfora, Mello Filho (2011) traz importante contribuição ao citar que, conforme Winnicott, todos nós temos aspectos do falso *self*, sendo importante o grau de falso *self* que cada um carrega e o fato de esse falso *self* poder bloquear ou não o funcionamento do verdadeiro *self*. Nas palavras do autor: “*Aqui não nos importa tanto o resultado do projeto existencial em si mesmo, mas a sua autenticidade como coisa realmente nossa, identificada e assumida em sua plenitude ou, ao contrário, vivermos para realizar sonhos e projetos alheios, sem sequer percebermos que estamos vivendo para ser outros, fantasmas de desejos e anseios perdidos no infinito de uma trama familiar que se continua através de sua inscrição em nossos inconscientes*” (Mello Filho, 2011, p.164).

De modo algum, pretendo criticar os personagens de um filme tão inspirador. Faço apenas um recorte (de vários que o filme apresenta) para que possamos pensar nas *Elsas* de nossas clínicas, que também se encontram em sofrimento por não conseguirem ser elas mesmas. Tais indivíduos, chegam a vestir máscaras a ponto de aderirem ao eu, levando-as para um mundo

tão distante, que termina por nos cegar devido ao abismo que é instaurado ao seu redor. Trata-se do reflexo do vazio psíquico. Talvez esteja falando de um grau mais extremo de *falso self*, mas ser fiel a si mesmo pode ser mais doloroso do que se imagina, já que é difícil assumir não somente as próprias falhas, dores e impotências, mas também os ideais, a criatividade e o talento. Como disse Anne Frank (2014) nas últimas páginas do seu diário em 01 de agosto de 1944): “Tenho medo que as pessoas que me conhecem como sou normalmente descubram que tenho outro lado, um lado melhor e mais belo... A Anne mais ‘profunda’ é demasiado fraca...” (p.434).

Uma vez que seus poderes eram congelantes e não sabia como controlá-los, *Elsa* se tornou uma ameaça, o que pode ser confirmado por meio da brincadeira vivida entre ela e a irmã *Ana*, quando pequenas. Ainda que não intencional, aquela provocou um acidente, ferindo esta. Como consequência, sua família a isolou em seu quarto para que pudesse crescer sem oferecer riscos a ninguém, nem mesmo a ela própria. Certamente é prudente manter-se oculta para não ficar vulnerável às mazelas experimentadas no processo de adolecer, já que, na busca pela identidade, são descobertos impulsos agressivos com os quais se tem de aprender a lidar para poder amadurecer.

Fazendo uma associação com a prática clínica, é possível dizer que o fato de não haver uma função materna que acolha um bebê nas suas fragilidades e que seja capaz de se colocar no lugar dele, faz o mesmo bebê esconder o seu verdadeiro *self*. Se não há uma tentativa por parte da mãe de se aproximar do seu bebê, de tentar sentir as suas necessidades e ir ao encontro do gesto espontâneo dele, a mãe, como ego auxiliar, falha, fazendo seu filho precisar construir recursos próprios de defesa, até mesmo fabricando aspectos falsos do *self*.

Assim, quando essa adaptação às necessidades do bebê vem a fracassar, ele passa a se sentir invadido e o sentido de *self* se perde, o que o faz não conseguir nomear, atribuir significados ou organizar experiências sensoriais. A continuidade do ser fica interrompida. Retorna então, ao estado inicial do isolamento (Santos, 1999). Logo, o bebê passa a organizar defesas vigorosas para as ansiedades paranoides e recolhe-se no seu mundo interno ainda não organizado, renunciando ao compromisso de crescer e conquistar sua autonomia (Santos, 1999). Ademais, o bebê passa a servir como objeto para suprir as falhas ambientais, já que ficou submetido às exigências da mãe. Caso esses recursos de defesa assumam uma defesa temporária, não adquire o caráter de patologia; por outro lado, se eles se tornarem excessivos, a pessoa torna-se um falso *self*.

Em *Frozen*, quando os pais de *Elsa* morreram, ela, por ser a primogênita, precisou assumir o reino de *Arandelle*. Ela escondia o segredo de que seu dom nunca tinha desaparecido,

suas mãos apenas ficaram abrigadas por um par de luvas. Foi então que, no dia de sua coroação, ela teve uma discussão com sua irmã e, ao ficar furiosa, perdeu o controle dos seus poderes e congelou tudo ao seu redor, transformando o reino em um eterno inverno. Desesperada, restou a ela fugir para um lugar onde poderia se sentir livre, mas era distante e só.

*“Let it go. Can't hold it back anymore... Be the good girl you always had to be
Conceal, don't feel, don't let them know... Can't get to me at all
Up here in the cold thin air I finally can breathe... Standing frozen in the life I've chosen...”*³

Em situações como essa, a morte psíquica reflete-se no corpo e, por vezes, a saída encontrada é o suicídio. No caso, *Elsa* consegue fazer outro caminho, constrói com toda sua força um castelo – gelado aos olhos da plebe – mas para ela, um lugar que a protege e defende, preservando a sua existência. Disso se forma um paradoxo, pois quanto maior o frio, maior a sua existência. Nesse novo reino, *Elsa* pode, enfim, ser ela mesma, revelando o seu verdadeiro *self*, frágil e, ao mesmo tempo, poderoso. Parece que aqui *Elsa* começa existir...

É possível pensar que *Elsa* não conseguiu verificar os estímulos ambientais, as sensações corporais e as capacidades motoras e, portanto, não soube controlar sua raiva e, assim, tudo o que tocava se transformava em gelo. Essa falha ambiental não permitiu a sua continuidade existencial, provocando uma vivência subjetiva na qual todas as suas percepções, comportamentos e atitudes motoras são uma resposta diante do perigo que a circunda. Isso gerou uma crescente perda da integridade do *self* de modo que houve uma recorrência ao isolamento primário para repudiar a invasão ambiental: “*O self pode ser esmagado no espaço da realidade que ele nunca alcança e da subjetividade que carece de sentido*” (Santos, 1999, p.3). Assim sendo, a existência do indivíduo se dá nesse ínterim entre o não ser e o ser, dando continuidade ao ser e, para isso, depende de um ambiente facilitador. Caso não exista, há uma perturbação do processo maturacional e da integração, como é o caso da psicose (Santos, 1999).

Winnicott (1974/1994) abordou a questão do colapso já ter sido experimentado numa fase em que o bebê dependia egoicamente de sua mãe e em que, por conta de falhas ocorridas, a integração do ego não conseguiu abranger algo, sendo necessário organizar defesas que mais tarde se apresentam como doença. Na linha do falso *self*, a patologia pode aparecer por meio da retração da libido e posteriormente do ego, como pode ser visto nos casos esquizoides e nos casos borderline, por exemplo.

³ Trilha sonora do filme: “*Livre estou, não posso suportar mais... Seja a boa menina que você sempre precisou ser. Esconda, não sinta, não deixe que eles saibam... E os medos que uma vez me controlaram não chegam nem perto de mim... Permanecendo congelada na vida que eu escolhi...*” (Let it go, interpretada por Demi Lovato).

Desse modo, algumas pessoas necessitam regredir para encontrar o seu verdadeiro *self*, pois, vivendo a experiência de dependência, é plausível acreditar em suas próprias habilidades. E é possível recordar esse colapso na sua revivência no *setting* terapêutico. Para encontrá-lo, o paciente deve primeiramente buscar no passado o que não foi experienciado e essa busca assume forma de procura desse detalhe no futuro (Winnicott, 1974/1994). Se o paciente estiver aberto a viver isso, repete na transferência por meio da reação às falhas do analista, na sua área de onipotência e de experiência de onipotência que existe no estado de dependência.

Embora o falso *self* seja uma defesa eficaz, ele não é um componente da saúde. Pode até manter um vínculo com a saúde, mas não é, porque ela não se associa à negação, e sim, ao sentimento de sentir-se real. Winnicott (1967/2011) propôs três áreas da vida que o indivíduo saudável deve experienciar: a vida no mundo experimentada por meio das relações interpessoais; a vida da realidade psíquica (interna), que é mais profunda e inclui os sonhos; e a experiência cultural, que é parte da realidade compartilhada e o domínio da herança humana. A normalidade, então, está ligada à capacidade de viver entre o sonho e a fantasia na área cultural, sendo fundamental poder explorar o mundo, pois é a partir do “ser”, que vem o fazer. Nas palavras de Winnicott (1975): “*Após ser - fazer e deixar-se fazer. Mas ser, antes de tudo*” (p.120).

Portanto, para que o nosso paciente possa ser, é preciso ajudar a revelá-lo à verdade. Ao permitir que ele seja espontâneo, até mesmo tendo a oportunidade de nos criticar, ele poderá mostrar a sua verdade (Mello Filho, 2003). Obviamente que há que se ter cuidado no modo como fazemos isso, pois verdades precoces podem ser cruéis, mas, para isso, devemos contar com a nossa intuição, empatia e experiência, disse o autor. E assim como a permanência da loucura sã da relação mãe/bebê que possibilita a fé, a esperança, o otimismo, a espera por vislumbrar a beleza subjacente ao que aparece como repelente, referiu Honigsztein (2003), na relação analítica, um analista que se torne criativo permite a “revelação do ser oculto na pedra” (p.338). Outrossim, quando o analista de certa forma se apaga, ele cria um meio que permite fluir o impulso à integração, possibilitando a experiência à intimidade.

Por fim, o desfecho dessa história ocorre quando *Elsa* novamente tem um acidente com sua irmã, só que, dessa vez, congela o seu coração, que só poderá ser descongelado com um verdadeiro ato de amor. Revive aqui o colapso original. Profundamente triste, *Elsa* chora ao ver que sua irmã foi capaz de dar a vida por ela, percebendo, assim, o quanto era amada mesmo com todos os seus “defeitos”. E, então, o que parecia cristalizado começa descongelar. É o fato de *Elsa* poder verdadeiramente sentir-se aceita que a libertou, autorizando-a a nunca mais fechar as portas do castelo para a chegada do verão.

REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS

- Frank, A. (2014). *O diário de Anne Frank*. Lisboa: Editora Livros do Brasil. (Obra original publicada em 1982).
- Honigsztejn, H. (2003) Criatividade, self e falso self. Em: Mello Filho, Julio. *Vivendo num país de falsos-selves*. (p.324-345). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mello Filho, Júlio de. (2003) Vivendo um país de falsos-selves. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mello Filho, Julio de. (2011). *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott*. São Paulo: Casa do psicólogo. (Original publicado em 2001).
- Santos, M.A. (1999). *A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses*. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 12 (3).
- Winnicott, D. W. (1975). A criatividade e suas origens. Em: *Winnicott, D. W. O brincar e a realidade*. (pp. 95-120). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA.
- Winnicott, D. W. (1983). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de opostos. Em D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (pp.163-174). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1963).
- Winnicott, D.W. (1994). O medo ao colapso (breakdown). Em: C. Winnicott. *Explorações psicanalíticas: D.W.Winnicott*. (pp.70-76). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1974).
- Winnicott, D. (2011). O conceito de indivíduo saudável. Em *D. W. Winnicott. Tudo Começa em Casa*. (pp.3-22). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Obra original publicada em 1967).